

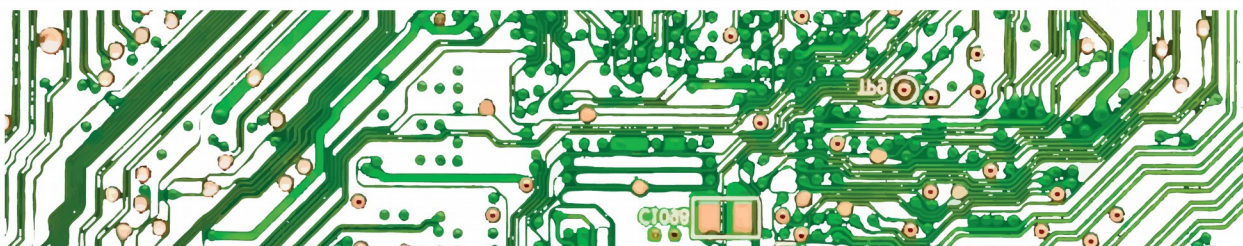


**Passados complexos  
● Futuros diversos ●**

Dia Internacional dos Monumentos e Sítios • 18 | abril | 2021

**Visite Barcelos**

**Conheça Barcelos  
Medieval a partir de um  
desenho com 500 anos**



**Em 2021, para comemorar o Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, convidamos à descoberta dos recantos da antiga vila medieval de forma autónoma, usando como único guia este texto e um desenho com 500 anos.**

Esse desenho é a vista tirada por Duarte d'Armas, em 1509. Nesses anos, Portugal estava já bem lançado na empresa dos Descobrimentos ultramarinos, mas sobre a Península Ibérica pairavam as sombras do crescente poderio de Castela. O Rei D. Manuel I, temendo uma eventual invasão, incumbiu o escudeiro Duarte d'Armas do levantamento do estado de conservação dos castelos da fronteira, desde Castro Marim no Algarve, até Caminha, na foz do Minho.

Lá partiu o desenhador com o seu ajudante, calcorreando os caminhos da raia com Castela, visitando e desenhando um total de 55 castelos, cujas vistas e plantas foram compiladas num tomo de pergaminho conhecido por *Livro das Fortalezas*.

No seu caminho de regresso a Lisboa, Duarte d'Armas passou por Barcelos e desenhou a vista da vila, desde a margem esquerda do Cávado. Essa representação coincide com o momento de grande vitalidade económica sentida na região nos primeiros anos do século XVI, e marca a transição do burgo para a Idade Moderna.

Comecemos então a nossa visita junto à Capela de Nossa Senhora da Ponte. O templo foi instituído em 1328, e foi muito alterado durante os séculos XVII e XVIII, mas no desenho de 1509 é visível a sua configuração original, com o alpendre voltado a poente.

À boca da ponte, o desenho de d'Armas honrou o efeito visual que o conjunto da muralha e do Paço dos Condes imprimiam aos viajantes: Barcelos aparece rodeada por uma muralha alta, com o Paço do Conde em primeiro plano, de chaminés embandeiradas, e uma potente torre sobre a ponte; à esquerda do Paço vê-se a torre do Solar dos Pinheiros, e à direita, mais longe, a Torre do Cimo de Vila.

Cruzemos então a ponte e subamos ao Paço: o miradouro sobre o Cávado é atrativo, mas a visão dos muros e da chaminé imponente remete-nos à grandeza da residência de um dos homens mais poderosos do Reino, o Conde D. Afonso de Barcelos. O edifício foi construído entre 1406 e 1414, mas foi-se arruinando ao longo dos séculos seguintes.

No jardim ao lado jaz o Pelourinho, construído em 1515, no mesmo ano em que Barcelos recebeu o Foral novo dado por D. Manuel I. Uma cópia do frontispício do Foral pode ser admirada no Salão Nobre da Câmara Municipal. O Pelourinho era o símbolo da independência municipal, e esteve diante da Câmara.

Ao lado está o Palácio dos Pinheiros, edificado para residência do Doutor Pedro Esteves, em 1448, que nos testemunha o poder crescente de uma das famílias mais importantes do Vale do Cávado.

Ainda no conjunto monumental temos a Matriz, templo datado de 1340, mas grandemente ampliado em 1503, e a antiga Casa da Câmara, com as suas arcadas góticas, que datará cerca de 1475, e cujo espaço coberto serviu de centro cívico aos habitantes da vila.

Seguindo pela antiga Rua de Santa Maria, em direção ao Largo do Apoio, passava-se diante do Hospital, que já surgia documentado em 1258, e que depois foi incorporado à Irmandade da Misericórdia, instituída em Barcelos em 1500, e confirmada por D. Manuel em 1521.

Do Largo do Apoio partem os arruamentos de perfil medieval com os nomes das corporações que aí trabalhavam, os Sapateiros, os Mercadores, os Trapeiros e os Açougueiros (talhantes); adiante, no início da Rua Direita (do Cimo de Vila), partia a Rua da Judiaria, depois transformada em Rua Nova, após 1503.

O circuito medieval termina onde havia a porta para o Campo da Feira, na Torre de Cimo de Vila, construção de aparato, onde se pode admirar um troço da cerca medieval bem conservada. A sua grandeza só era ultrapassada pela Torre da Ponte que tinha cerca de trinta metros de altura.

Para o final reservamos duas curiosidades sobre o desenho de 1509.

A ponte é representada com treze arcos, quando na realidade ela só tem cinco; tratou-se de uma confusão do desenhador que representou em Barcelos a ponte romana de Chaves.

Depois, qual a razão para Barcelos aparecer representada neste *Livro das Fortalezas*, quando estava tão afastada da fronteira?

A resposta reside no Duque de Bragança (e Conde de Barcelos) D. Jaime, que era o sucessor ao trono, enquanto D. Manuel I não teve descendência; como o Duque tinha em Barcelos a sua praça-forte, o desenho que conhecemos seria uma forma de elucidar o rei Venturoso da capacidade militar do seu primo. O desenho de Duarte Darmas de Barcelos, foi por essa razão, uma forma de recolher informação sensível, ou como se diz hoje, espionagem.